

## PANEMA NÃO FAZ GÊNERO, MAS QUEM PANEMA SIM

Gislaine Pagotto<sup>1</sup>  
Roberta Stubs Parpinelli<sup>2</sup>

**Resumo:** Que é Panema?, é a pergunta disparada pela presente proposição artística/performativa que visa, entre outras coisas, problematizar questões relativas à disciplinarização do corpo. Corpo, entendido aqui como peça fundamental para desconstruir e subverter a lógica biopolítica que o dociliza na tentativa de adequá-lo a normas e padrões dos quais ele, inevitavelmente, escapa sem cessar. Panema, de algum modo, é uma materialização possível dessa linha de escape/fuga, algo indefinido e inacabado, posto que em constante construção. Panema é corpo que transita entre margens não-binárias, é corpo que se insinua no espaço para com ele compor outras paisagens, é corpo que transborda os marcadores de gênero ao exalar uma certa animalidade da ordem do inclassificável. Dispensando o uso do artigo definido, Panema não é precedido por a (artigo feminino), nem por o (artigo masculino). Tal opção é estratégia política de não-enquadramento de gênero. Estratégia que abre a percepção e o pensamento para o estranhamento, criando um encontro possível com a alteridade elevada a uma potência animal, uma outridade que convoca também a animalidade que nos constitui. Panema é corpo-outro, é materialização de um corpo possível.

**Palavras-chave:** Arte contemporânea. Performance. Vídeo. Gesto. Desvio.

Panema é uma pesquisa que venho desenvolvendo desde o ano de 2013 e parte da idéia de um estado de corpo humano nu<sup>3</sup> com as mãos apoiadas sobre o chão. Para cada proposição – seja vídeo, fotografia, performance, áudio, texto – há um título que sugere marcar presença em lugares e períodos específicos. Tal pesquisa problematiza questões relativas à disciplinarização do corpo. Corpo, entendido aqui como peça fundamental para desconstruir e subverter a lógica biopolítica (como prática de biopoderes<sup>4</sup> locais) que o dociliza na tentativa de adequá-lo a normas e padrões

---

<sup>1</sup> Mestranda em Artes Visuais pela linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis/SC, Brasil.

<sup>2</sup> Professora Doutora do Curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá/PR, Brasil.

<sup>3</sup> A escolha pelo corpo nu compreende que nenhuma vestimenta é neutra. Compreendo que nem o corpo o é. No entanto, entendo até então, o corpo despido como sugestão de corpo atemporal.

<sup>4</sup> Biopoder é um termo/conceito criado por Michel Foucault o qual trata da idéia de controle de corpos em termos de população através da existência biológica. Foucault historiciza possíveis momentos de controle do Estado sobre o indivíduo e cita a Disciplina como técnica predominante até o século XX – que trata-se da idéia de controle de corpos individualizados hierarquicamente por meio de instituições, como a escola, a família, a prisão etc. através de leis – deveres e obrigações. O biopoder tomaria, então, o lugar do poder disciplinar a partir desse período, fazendo com que o indivíduo deixasse de ser controlado apenas pelo Estado, e com uma série de mecanismos toda uma população passasse a ser controlada não apenas pelo Estado mas pelos próprios indivíduos. Isso seria possível através de táticas como a confissão não apenas na igreja, como também nos consultórios médicos, nos divãs de psicanalistas etc., fazendo com que tais indivíduos controle-se a si mesmo a partir de uma espécie de “exame de consciência” sob determinados padrões de certo e errado preestabelecidos socialmente. Dessa maneira, o indivíduo se compara a outros indivíduos controlando-se e controlando também os outros. Alguns desses padrões colaborariam para tornar o corpo do sujeito *útil e dócil* em larga escala, o que seria o principal interesse do biopoder. Tais confissões só seriam possíveis em lugares específicos, de modo que apenas especialistas como o padre, o médico, o psicanalista, teria acesso aos comportamentos errôneos do sujeito, mantendo assim a hierarquia dominante de poder.

dos quais ele, inevitavelmente, escapa sem cessar. Panema também significa um sonho em que a menina corre com as mãos apoiadas sobre o chão para correr rápido, provavelmente para fugir de alguma coisa ou de alguém. Enquanto eu, a artista, vou devagar panemando e panemo se fosse um verbo... Panemar:

Eu panemo

Tu panemas

Ela(e)(x) panema

Nós panemos

Vós panemais

Ela(e)(x)s panemam

Mas, acima de tudo, Panema é a qualquer um estado de corpo que se materializa num corpo possível, uma linha de escape/fuga, algo indefinido e inacabado em constante construção. Corpo que transita entre margens não-binárias e se insinua no espaço para com ele compor outras paisagens, transbordando os marcadores de gênero ao exalar uma certa animalidade da ordem do inclassificável ao dispensar uso de artigo definido: *a* (artigo feminino) ou *o* (artigo masculino). Corpo que mesmo de modo efêmero marca territórios – como através de ações artísticas – e é marcado por eles subjetivamente ao ocupá-los e registrá-los em imagens recortadas. Ainda que de forma diferente em relação ao que entendemos como os animais marcam territórios, Panema dialoga com esses lugares de exposição/cenário e com expectadores/participantes<sup>5</sup>.

Quando panemo, os gestos de Panema assumem um diálogo possível com o título, o qual trata de um(?) locutor(?) que não encontra-se em primeira pessoa. Eu, *a* artista, não me coloco como Panema e não coloco Panema como eu. No entanto, faço a proposição, tenho atuado como Panema, dirijo a cena e vejo depois Panema, considerando aspectos visuais e discursivos daquilo que a própria imagem apresenta.

As proposições são intituladas com o cuidado de sugerir o presente como tempo verbal e ao mesmo tempo permeabilidades em determinados contextos. Para cada proposição há um título que sugere marcar presença nesses *lugares/territórios*<sup>6</sup>, tais como:

### ***Panema sem fronteiras***

pesquisa em desenvolvimento

território: Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UDESC, Florianópolis/SC

---

<sup>5</sup> Diálogos com comunidades locais ou atravessamentos de culturas e fronteiras.

<sup>6</sup> A palavra território utilizada no texto refere-se a um *lugar* de fala e escuta o qual considera quem diz/escuta, para/de quem, onde, quando, como e por que

Atualmente, Panema faz parte de um projeto chamado *Panema sem fronteiras*, aprovado pelo curso de mestrado em Processos Artísticos Contemporâneos sob orientação da profa. Dra. Marta Martins, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais no ano de 2016 – do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – incluindo, assim, a cidade de Florianópolis como cenário, lugar de fala/ação e possíveis interlocuções junto da Universidade, afim de criar narrativas e investigar procedimentos físicos e visuais do desenvolvimento do corpo de Panema e refletir sobre aspectos cenográficos, sociais e imagéticos do(s) lugar(es) onde Panema apresenta-se e de onde é vista(o)(x). Supõe-se que espaços públicos e privados atuem como cenário, lugar de fala/ação, considerando a cena e também o ponto de vista, o lugar do observador/câmera. Assim, como naturalizamos as coisas a partir de uma espécie de “adestramento” em espaços e períodos específicos? Quais as possíveis relações com o social? Seria possível encontrar uma *fronteira variável* entre paisagens, corpos ditos normais e corpos desviantes a partir das imagens que se propõe? Sugere-se, contudo, investigar maneiras habituais que o corpo de Panema pode encontrar através de treinamentos contínuos, visando aperfeiçoar certas habilidades através de estímulos repetidos por meio de linguagens artísticas dialogando com a arte contemporânea, “natureza(s)” e possíveis dispositivos de controle de corpos. Proponho, assim, que ao panemar, vou atravessando fronteiras entre arte e vida, por exemplo.

### *Panema em direção ao Norte*

vídeo full hd, col., som, 4'30", 2013-2015  
disponível no Vimeo: <https://vimeo.com/126072653>  
território: Residência dos Artistas na Floresta Nacional de Ipanema<sup>7</sup>, Iperó/SP

Uma narrativa contada a partir da Floresta Nacional de Ipanema em ocasião de uma residência artística<sup>8</sup> em 2013 com duração de dez dias de imersão no espaço. E, neste caso, o Norte é apenas referência a uma das diversas histórias que eu ouvi por lá sobre a suposta origem da palavra *desnorteado*.

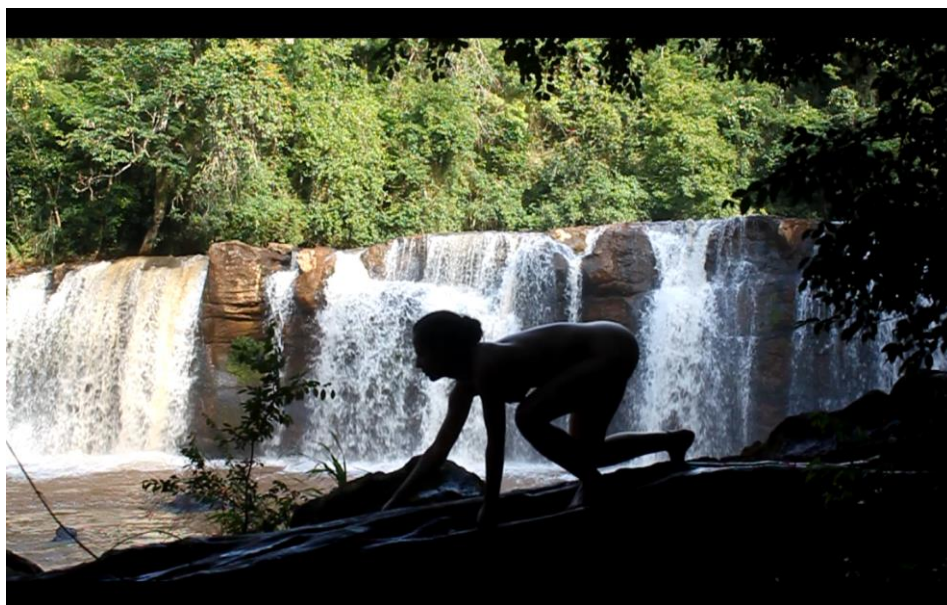
---

<sup>7</sup> A Floresta Nacional de Ipanema consta de muitas histórias, lendas e pouca documentação histórica, salvo a arquitetura a qual abriga diferentes épocas e memórias desde a segunda metade do século XIX. A Floresta Nacional de Ipanema, conhecida também como Flona de Ipanema, é uma Unidade de Conservação Federal administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

<sup>8</sup> Para mais informações: <[http://correio.rac.com.br/\\_conteudo/2013/11/ig\\_paulista/128224-grupo-de-artistas-ficara-internado-10-dias-para-produzir-uma-obra-inedita.html](http://correio.rac.com.br/_conteudo/2013/11/ig_paulista/128224-grupo-de-artistas-ficara-internado-10-dias-para-produzir-uma-obra-inedita.html)> + <http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/517388/residencia-dos-artistas-na-flona-de-ipanema>, acessos em 04/07/2017.

De acordo com um dos monitores que acompanhou o grupo de artistas do qual eu fazia parte mostrando-nos o espaço com suas arquiteturas (de diferentes épocas) e especificidades, ele apontou para as direções em que as casas eram construídas. Além das diferenças arquitetônicas, cada construção era voltada para uma direção diferente. O moço nos contou que a razão dessa variedade estava contida em cada época, pois antigamente (visto que a atual Floresta de Ipanema era a antiga Fazenda Ipanema, em vigor desde os anos 1800) como não havia luz elétrica, as pessoas construíam suas casas voltadas para o norte, afim de aproveitar o máximo da luz solar. Porém, aqueles menos instruídos, não tinham conhecimento suficiente e acabavam construindo suas casas de qualquer maneira. Então os homens sábios e instruídos eram chamados de norteados, enquanto os outros eram os desnorteados. Por essa razão, esse foi o título do vídeo *Panema em direção ao Norte*. Nele, Panema caminha *desnorteadamente* sem chegar a lugar algum.

### *Panema sem seu pingente*



território: cachoeira na cidade de Mandaguari/PR

O título deste trabalho seria *Panema à procura de seu pingente*, no entanto, parece que esse título seria futuro demais para Panema, bem como com valor de objetivo, função, coisa que Panema não costuma fazer, aliás Panema faz nada.

### *Panema treinando*

vídeo full hd, col., som, 37" 2013-2015

disponível no Vimeo: <https://vimeo.com/126142976>

território: Residência dos Artistas na Floresta Nacional de Ipanema, Iperó/SP

Panema treinou porque considerei necessário que aprendesse a andar e ter um domínio da caminhada para depois ir pegando mais velocidade e quiçá um dia aprender a correr... Como no sonho da menina que corre desse jeito para correr rápido.

Com amplo espaço para experimentação, desejo de correr sem ter um ponto de chegada e a descoberta do próprio corpo a partir de um determinado estado físico, iniciei um processo de pesquisa e comecei a treinar todos os dias uma posição a qual eu pudesse fazer repetidas vezes. Ipanema vem do nome *panema* e, de acordo com os próprios moradores da região, a palavra significa algo infértil, a terra que não produz, o rio que não dá peixes, a árvore que não dá frutos. Refletindo sobre sua “inutilidade”, achei o nome pertinente para meu corpo nesse estado físico que eu acabara de descobrir, e isso por quatro motivos a priori: 1- Foi lá neste lugar com esta história e contexto que aquele corpo nascia. 2- O sonho da menina é uma ficção; 3- A arte não serve para nada especificamente e 4- é um nome que dispensa uso de artigo definido (*a* ou *o*).

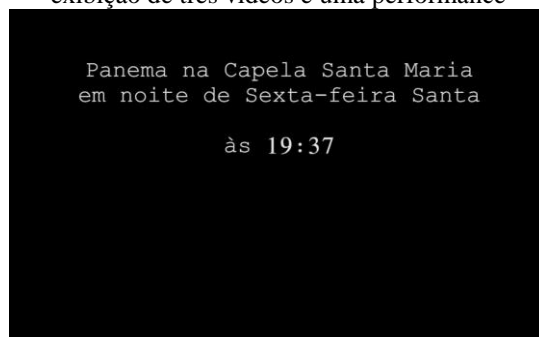
### ***Panema conhece Shoyu, o cachorro***

vídeo full hd, col., som, 1'10", 2014-2015  
disponível no Vimeo: <https://vimeo.com/126781895>  
território: casa dos meus amigos, Maringá/PR

Fiquei profundamente assustada com a reação do cachorro que me viu panemando na casa dele (ou de seus donos, no caso). Shoyu, um animal dócil, latiu agressivamente para Panema ao aproximar-se da entrada da sala de sua casa. Fiquei pensando qual seria seu estranhamento. Será que eu estava numa posição que competia à dele?

### ***Panema em quatro estados***

exibição de três vídeos e uma performance



território: Festival de Teatro de Curitiba na Capela Santa Maria  
mais informações na rede em entrevista concedida a Rachel Coelho<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Jornalista e produtora cultural residente na cidade de Maringá/PR. Entrevista disponível em: <<https://tocadacoelho.wordpress.com/2015/04/03/gislaine-pagotto-mostra-panema-no-festival/>>, acesso em 04/07/2017.

Panema percorreu, por fim, sobre um mezanino que havia em frente à projeção pontualmente no horário marcado. O mezanino, com a projeção, ficava num lugar alto em relação ao chão, que é de onde as pessoas tinham acesso e, como estava escuro e ninguém sabia ao certo por onde Panema caminharia, poucas pessoas viram a ação, pois houve agilidade e cenário longínquo e desconhecido. Aqueles que viram apontaram para Panema dizendo “ali ó, está ali...”. Eu ouvi. Infelizmente, faltam imagens que comprovem sua presença devido à incapacidade técnica da câmera que acompanhou o processo.

Eu havia comprado um livro em São Paulo durante a Bienal em 2014, quando entrei na Livraria Cultura à procura de algo que pudesse contribuir com minha pesquisa. Após visitar as sessões de Artes Visuais, Teatro, Dança, Cinema, Literatura, debrucei-me na sessão de animais e encontrei o livro “Treinamento de cães: uma visão inovadora para treinamentos de animais”, de Carlos da Terra. Eu nunca li este livro mas ele me abriu uma possibilidade de indagação, como por exemplo: como naturalizamos as coisas a partir de uma espécie de adestramento em espaços e períodos específicos? Eles (o livro e a pergunta) me acompanham ainda hoje...

### *Panema participa do Salão Nacional Victor Meirelles*



Nesse dia, percebi olhares de curiosidade sobre algo que parecia ser estranho e recebi comentários posteriores do tipo: “Que forte isso, hein! Coragem”. Além de muitos *flashes*...



foto de Sandra Alves<sup>10</sup>  
território: XI Salão Nacional Victor Meirelles, Florianópolis/SC

<sup>10</sup> Artista e pesquisadora, residente na cidade de Florianópolis/SC.

***Panema subverte a lógica do biopoder através do Bioestéticas***

apresentação oral e de imagens  
território: Colóquio Bioestéticas, UDESC, Florianópolis/SC

Eu gostaria muito de ouvir o que Panema teria para dizer sobre essas noções de biopoder e biopolítica, então propuz um diálogo. Como troca, eu emprestaria meu corpo, minha voz, e Panema topou. Claro que Panema não falaria sobre essas questões, pois nem deve saber que significam essas coisas, bem como não se interessa muito pela utilidade e porquê das coisas. Mas eu, como artista que venho estudando Michel Foucault há alguns anos e outros tantos filósofos, teóricos, historiadores, entendo Panema como um corpo o qual subverte a lógica do biopoder mesmo que não saiba, através de seu estado, seu discurso e suas ações. O título é meu e eu assumo as responsabilidades dele. Mesmo tendo minhas impressões sobre Panema e alguns conceitos que eu mesma formulei, pois afinal a proposição é minha e eu também me coloco como Panema a maioria das vezes, eu gostaria de escutar o(a)(x) outro(a)(x) um pouco. Sendo assim perguntei para Panema: Que é ou quem é você, afinal? E Panema respondeu para mim materializada na minha voz:

— Estou Panema. Costumam me significar etimologicamente como algo que não serve para nada, algo infértil ou ainda, para determinadas culturas, uma espécie de praga, mau agouro e por isso tentam me extinguir através de rituais para processos de cura. Costumo ser bastante resistente e se me matam num corpo, procuro outro. Tenho estado na arte contemporânea e, neste contexto, quanto ao seu corpo feminino que venho utilizando, entenda-o como quiser, mas ainda assim tenho sido da ordem do inclassificável, ou ainda, nem tenho ordem. Tenho estado de ser que nega<sup>11</sup> qualquer artigo que pretenda me definir. Não pretendo chegar a lugar algum, os lugares por onde caminho costumam ser suficientes, não preciso de muito. Dizem que aparento certa animalidade. Tenho estado bem dócil e nunca mordi ninguém, não costumo demonstrar agressividade, mas mesmo assim pessoas me olham estranho. Costumo dispor de tudo que preciso: seu corpo e um lugar – nenhum deles me pertence, eu não preciso tê-los e tanto faz aquele ou aquilo que diz controlar-me. Aliás, abstenho de qualquer responsabilidade quanto aos que se dizem Panema. Acho desnecessário, inclusive, dizer o que sou ou quem sou, pois estou algo indefinido e inacabado, posto que em constante construção.

texto apresentado como áudio

---

<sup>11</sup> Atualmente, opto pela palavra *dispensa* ao invés de *nega*, tal como consta no resumo deste artigo.

Quando eu digo que Panema subverte a lógica do biopoder através do Bioestéticas, me aproprio deste lugar de fala – o Colóquio Bioestéticas – para afirmar a presença do corpo Panema neste espaço e período – *território* – (o Colóquio e o que ele representa como evento inserido na academia). Como já esclarecido no início do texto, tal estratégia tenho utilizado nas proposições com Panema, afim de contextualizar através de imagens e textos meu *lugar* de fala, sobretudo como artista (mais do que como corpo que compõe a arte que proponho).

*Panema e as mina*



foto de Flora Fotografia  
território: Casa Minada, Nacasa, Florianópolis/SC

*Sobre quem panema*



Desde que comecei a trabalhar com vídeos (2011), me colocando nas situações, reflito naquilo que está por trás dos vídeos: o corpo, os gestos possíveis – extrapolando a questão do gesto literal, mas pensando no gesto enquanto ação/intenção, levando em consideração o contexto ao qual se insere.

O desenvolvimento social na cultura ocidental fez do corpo um foco de atenção para inúmeros interesses políticos. A história do corpo sofreu transformações ao longo do tempo com mudanças de: paradigmas, ideal de corpo, direito à saúde, etc. Mais especificamente a partir da segunda metade do século XX, no contexto das lutas das minorias no decorrer da década de 1970, o corpo passa a ser um “lugar importante de repressão, um instrumento crucial de libertação, a promessa de uma revolução” (Moulin, 2008, p. 09). Para Michel Foucault, o corpo é compreendido como superfície; algo como uma matéria (com carne, osso) e moldável (aquilo que se faz com ele historicamente). Seria o corpo, então, “superfície de disciplinamento e governo” (Mendes, 2006, p. 167-181) através de técnicas de poder, presentes em instituições, que condicionam o corpo a partir de construções de processos de subjetivação em confronto com outros corpos, “no nosso cotidiano escolar, familiar, social, ‘público’ e ‘privado’” (Mendes, 2006, p. 169). De acordo com Cláudio Lúcio Mendes citando Foucault (2006, p. 167-181), a partir do século XX, o corpo passa a ser controlado através de leis sociais, mecânicas pedagógicas. O biopoder toma o lugar do poder disciplinar através de práticas como a confissão (seja na igreja, no consultório médico, no divã etc.). As confissões interessam politicamente a partir da possibilidade de fazer com que o indivíduo conheça a si mesmo, acompanhado de uma espécie de “exame de consciência” (Mendes, 2006, p. 175), estimulando os sujeitos a observarem-se sob padrões. O estímulo da fala do corpo – gesto – e oralidade pela relações de poder, podem produzir ao mesmo tempo mecanismos de resistência. Mendes diz (2006, p. 172) que “as políticas de normalização foram estruturadas para legitimar a posição de determinados grupos: indivíduos do sexo masculino, cor branca, heterossexuais e europeus”; os que fogem a essas regras são tidos como “anormais” (homossexuais, mulheres com atitudes pouco “femininas” etc.). No entanto, certos discursos feministas não se limitam a uma política sobre o feminino, mas se debruçam sobre relações de poder institucionalizadas e internalizadas criando e recriando identidades, “não como um ‘ser’ mas como uma ‘fronteira variável’, uma ‘superfície politicamente regulada’ e um ‘campo de possibilidades interpretativas’” (Macedo, 2011, p. 65-66).

Eu, como Panema, posso parecer um corpo desviante, anormal, chocante para alguns; eu, a artista, quem propõe esse corpo talvez estranho para muitos, sou pesquisadora de uma Universidade, regularmente matriculada e vinculada com o rigor que tal pesquisa reivindica. Além disso, como já dito, Panema não é *o* corpo Panema e nem *a* personagem Panema, mas um estado Panema através do meu próprio corpo de artista que atua até então e digo ser mulher. Os gestos do estado Panema apresentam-se em sua/minha *posição* física e relacional de estar; os meus gestos (da artista que agora escreve e que é Panema também) encontram-se na minha *condição* física, de gênero, social, intelectual, política, enfim, nas minhas relações com tudo que sou e tudo que está ao meu redor.

Portanto, quando eu digo *Panema não faz gênero, mas quem panema sim*, estou dizendo que Panema e eu não somos a mesma coisa/pessoa, mas quando estou Panema – ou quando panemo – eu, artista, me posiciono como mulher, diferente de Panema que faço questão de dispensar uso dos artigos definidos como estratégia política de não-enquadramento de gênero. No entanto, quem propõe isso sou eu, *a* artista.

Me interessa que outrxs panemem também. A proposição como estado de corpo sugere que todos podem se sentir Panemas ao se colocarem sobre quatro apoios. Sendo nus ou vestidos, em espaços públicos ou privados, Panema pode ser executadx por qualquer pessoa. Em espaços privados, inclusive, já presenciei outras pessoas panemando por iniciativas próprias em seus estados vestidos habituais de sujeitos/indivíduos. Em sua maioria amigos (mulheres e homens) em meio a conversas e encontros casuais. E principalmente a partir dessa observação é que passei a me atentar sobre a independência do meu próprio corpo diante dessa espécie de atuação e a entender que mais do que ser Panema, eu apenas estaria Panema, como outrxs igualmente poderiam estar.

Para os índios ou até onde tenho conhecimento, sobretudo em regiões brasileiras do norte, *panema* é um tipo de doença, praga. Com isso, para os índios que não estão aptos a caça, por exemplo, diz-se que está com *panema*, algo aparentemente quase da ordem do espiritual, fora do conhecimento científico. A isso também é possível compreender que a própria origem da palavra rompe com aspectos políticos históricos das noções sobre o corpo. Ouvei dizer que entre algumas culturas indígenas, uma das espécies de cura é feita através de secreções de sapos. Mas uma das maiores curiosidades das histórias que ouvi ao longo do tempo é de um amigo de Tocantins. Ele me disse que esse termo é recorrente justamente para falar de alguma deficiência em relação à utilidade do corpo, mas que usualmente é algo direcionado a pessoas do sexo masculino. Por exemplo, não é dito a mulheres que elas estão com *panema*, mas a homens sim. Desse modo, me interessa dizer que

uma mulher esteja panema, pois ainda que a palavra denote aspectos depreciativos, abstrai o poder unicamente masculino de se colocar em tal lugar que indica ao mesmo tempo certo emponderamento e exclusividade.

Sobre o corpo útil e dócil que é proliferado a partir de nosso conhecimento ocidental sobre o corpo e suas relações sociais e políticas, o nome Panema dado ao estado de corpo que proponho, ele próprio seria então uma espécie de subversão à biopolítica, posto que a origem etimológica da palavra nega a utilidade do corpo e, conseqüentemente, a docilidade deste ao resistir aos enquadramentos sociais. Igualmente, o corpo que proponho foge às regras e normas daquilo que seria considerado um corpo normal.

Portanto, eu faço gênero, por exemplo: ao me colocar nesses lugares de fala, como o próprio *Fazendo Gênero*, ao dispensar uso de artigo definido, ao chamar de Panema um corpo humano (enquanto através de corpo feminino: subverte a “lei” comum de usos corriqueiros da palavra e enquanto corpo masculino: sugere o homem como algo infértil e improdutivo), ao atribuir função nenhuma a um corpo humano (por ex. Panema caminha de lugar a outro e a lugar algum ao mesmo tempo; não pretende chegar a lugar algum), negando a noção de corpo útil e ao negar a idéia de corpo dócil apresentando um estado de corpo resistente aos padrões de normalidade social.

Esta pesquisa continua em desenvolvimento e atualmente me encontro dialogando também com a área da Etnografia, destacando-se a priori Eduardo Viveiros de Castro, e da Literatura, com foco principalmente em narrativas de autores como Guimarães Rosa e Mário de Andrade, a considerar posicionamentos e formas de discurso desses autores em relação ao anti-heroísmo. Pretende-se, contudo, que essas referências contribuam com as vindouras criações de Panema e modos de narrar possíveis ficções dentro do contexto da arte.

### **Referências**

COURTINE, Jean-Jacques (Dir.); VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do Corpo: as mutações do olhar: o Século XX*. Sob a direção de Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello. Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

MACEDO, Ana Gabriela. Mulheres, arte e poder: uma narrativa de contrapoder?. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, 2011, nº 37, p. 61-77.

MENDES, Cláudio Lúcio. Corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. In: *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, 2006, nº 39, p.167-181.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: COURTINE, Jean-Jacques (Dir.); VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do Corpo: as mutações do olhar: o Século XX*. Sob a

direção de Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello. Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

*Sites de pesquisa:*

CORREIO: <[http://correio.rac.com.br/\\_conteudo/2013/11/ig\\_paulista/128224-grupo-de-artistas-ficara-internado-10-dias-para-produzir-uma-obra-inedita.html](http://correio.rac.com.br/_conteudo/2013/11/ig_paulista/128224-grupo-de-artistas-ficara-internado-10-dias-para-produzir-uma-obra-inedita.html)>, acesso em 04/07/17.

JORNAL CRUZEIRO: <<http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/517388/residencia-dos-artistas-na-flona-de-ipanema>>, acesso em 04/07/2017.

TOCA DA COELHO: < <https://tocadacoelho.wordpress.com/2015/04/03/gislaine-pagotto-mostra-panema-no-festival/>>, acesso em 04/07/2017.

## **PANEMA DO NOT DO GENDER, BUT WHO PANEMA DO**

**Abstract:** What is Panema ?, is the question triggered by the present artistic / performative proposition that aims, among other things, to problematize questions regarding the disciplinarization of the body. Body, understood here as a fundamental piece to disrupt and subvert the biopolitical logic that docilizes it in the attempt to conform it to the norms and standards from which it inevitably escapes without ceasing. Panema, in some way, is a possible materialization of this escape line, something undefined and unfinished, but in constant construction. Panema is a body that transits between non-binary margins, it is a body that insinuates itself into space to compose other landscapes, it is a body that overflows the markers of gender by exhaling a certain animality of the order of the unclassifiable. Dispensing the use of the definite article, Panema is not preceded by a feminine article, nor by a masculine article. Such an option is a non-gender political strategy. A strategy that opens the perception and the thought to the estrangement, creating a possible encounter with the otherness elevated to an animal power, an otherness that also summons the animality that constitutes us. Panema is body-other, it is the materialization of a possible body.

**Keywords:** Contemporary art. Performance. Video. Gesture. Detour.